

Aspectos Sintáctico-Semânticos das Orações Relativas com *como* e *quando*

Telmo Mória

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

0. Introdução

A classificação de estruturas encabeçadas por *como* e *quando* do tipo das que estão em itálico nas frases (1) e (2) tem sido objecto de debate na literatura gramatical do português (o mesmo acontecendo com as estruturas congêneres de outras línguas, como, por exemplo, o castelhano).

- (1) O presidente agiu *como era esperado (que agisse)*.
- (2) A ponte estremeceu *quando o comboio passou sobre ela*.

Os autores dividem-se entre uma classificação destas sequências como orações adverbiais temporais (numa classe paralela à das subordinadas causais ou condicionais, por exemplo) e uma classificação como orações relativas (isto é, adjectivas). O objectivo do presente artigo é defender a sua categorização como orações relativas, através de diferentes argumentos sintáctico-semânticos. Convém salientar desde já que neste trabalho apenas serão consideradas estruturas em que – à semelhança do que acontece em (1) e (2) – *como* e *quando* podem ser parafrazeados por *(d)o modo que* ou *(n)a altura em que*, respectivamente¹.

Na secção 1, passarei brevemente em revista a posição de algumas gramáticas portuguesas sobre o assunto, evidenciando a falta de consenso entre os autores no que respeita à categorização das estruturas em apreço. Farei ainda referência a obras sobre expressões paralelas no castelhano, italiano e inglês em que a categorização que aqui defendo é mais claramente assumida. Na secção 2, apresentarei cinco argumentos sintácticos (ou sintáctico-semânticos) que me parecem favorecer essa categorização de forma decisiva.

¹ Nada irei aqui assumir sobre as estruturas com *como* e *quando* que não têm esta propriedade. Entre estas contam-se, por exemplo: no caso de *como*, estruturas conformativas – cf. (i) – e estruturas comparativas – cf. (ii); no caso de *quando*, estruturas de valor contrapositivo – cf. (iii) e (iv):

- (i) O Paulo está sem dinheiro, *como previra*. (cf. análise de Peres e Mória 1995: 353 ss.)
- (ii) O Paulo é tão alto *como o João*.
- (iii) O Paulo foi com a Ana à festa, *quando era suposto ele ir sozinho*.
- (iv) A Ana pensa que o Paulo tem vinte anos, *quando, na realidade, ele tem só dezassete*.

1. Sobre a categorização das orações com *como* e *quando* na literatura

1.1. Categorização de *como* e *quando* na literatura gramatical sobre o português

Como se sabe, a tradição gramatical portuguesa não inclui normalmente *como* e *quando* na categoria dos pronomes – ou advérbios – relativos. O Quadro 1 abaixo regista o elenco de elementos desta classe em quatro gramáticas portuguesas, a título meramente exemplificativo. Além das gramáticas clássicas de Jeronymo Soares Barbosa e Epiphanyo Silva Dias, oitocentistas, referem-se duas mais recentes, a de Celso Cunha e Lindley Cintra – edição de 1984 – e a de Evanildo Bechara – edição de 1999 –, que mostram que, mesmo na literatura gramatical actual, a classificação de *como* e *quando* como pronomes relativos não é adoptada (pelo menos para o português).

Quadro 1. Elenco de pronomes relativos em algumas gramáticas portuguesas

Barbosa (1822/1881)	<i>cujo, qual, que, quem</i> (“demonstrativos conjunctivos”)
Silva Dias 1876/1894)	<i>cujo, qual, quanto, que, quem onde</i> (“pronomes relativos”) (“advérbio relativo”)
Cunha e Cintra (1984)	<i>cujo, o qual, quanto, que, quem, onde</i> (“pronomes relativos”)
Bechara (1999)	<i>cujo, o qual, qual, quanto, que, quem, onde</i> (“pronomes relativos”)

Como se pode verificar, *quando* não integra este elenco, sendo antes geralmente classificado como uma “conjunção (subordinativa) temporal”. Quanto ao uso de *como* aqui relevante, raramente é referido nas gramáticas portuguesas de forma independente, sendo até, por vezes, confundido com outras formas distintas, como a conformativa².

Embora a exclusão de *como* e *quando* do elenco dos pronomes relativos seja a posição comum nas gramáticas portuguesas, alguns autores chamam a atenção para a semelhança de comportamentos entre as orações encabeçadas por estas expressões e as orações relativas. Observem-se as seguintes citações³:

- Barbosa (1822/1881: 244): “(...) Os demonstrativos conjunctivos, *o qual, quem, que, cujo*, os quaes supõem antes de si outra preposição, que atam com aquella a que dão principio. D’elles vem **a força conjunctiva do advérbio como, que quer dizer de que modo, do qual modo (...)**”;

² Cf., por exemplo, Bechara (1999: 327), onde a frase *tranquillizei-a como pude*, que integra um *como* relativo, é apresentada para exemplificar uma oração conformativa.

³ Nestas citações (e em todas as outras de aqui em diante), os destaques, a negrito, são meus.

- Lopes (1972: 310, *apud* Mateus *et al.* 1989: 298, n. 1): “(...) a semelhança, se não homonímia, e o visível nexos existente entre certas conjunções (...) ‘como’, ‘quando’) e certos advérbios interrogativos (...) sugerem um **parentesco entre as orações conjuncionais e as relativas**”;
- Mateus *et al.* (1989: 298): “Em [*quando vivi aqui fui feliz, aprecio como te vestes e ele procedeu como esperávamos (que procedesse)*] (...), as orações introduzidas por *quando*, (...) *como* têm um sentido «restritivo», paralelo ao de *quem* e ao de *onde*. (...) Vemos assim que ***quando*, (...) *como* se aproximam quer pela sua forma quer pelo seu valor sintáctico-semântico dos morfemas relativos.**”.

Em todo o caso, o que importa notar é que, mesmo nesses textos, não é assumida uma posição clara sobre o estatuto destas expressões como pronomes relativos, nem é desenvolvida argumentação sintáctica ou semântica a favor da classificação em causa, que é o objectivo do presente texto.

1.2. Categorização de expressões congêneres de *como* e de *quando* (em castelhano, italiano e inglês)

Muito brevemente, interessa ainda registar que, em obras sobre expressões congêneres de *como* e *quando* noutras línguas, há autores que defendem explicitamente uma classificação das suas contrapartidas – ou de alguma delas – como pronomes (ou advérbios) relativos. Serão aqui apresentados exemplos de três línguas: o castelhano, o inglês e o italiano. Nas obras (aqui mencionadas) sobre o castelhano e o inglês é aduzida bastante argumentação sintáctica, cuja discussão será feita na secção 2.

A recente *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, organizada por Demonte e Bosque, integra um extenso capítulo sobre orações relativas, da autoria de José Maria Brucart (doravante, Brucart 1999). Aí, *como* e *cuando* são integrados na categoria dos advérbios relativos, a par de *donde* (*grosso modo*, equivalente ao português *onde*):

“**Además de los pronombres y adjetivos relativos, el español cuenta con un conjunto de adverbios [*donde, cuando, como*] que comparten las dos notas características de aquellos:** son entidades que remiten anafóricamente a un argumento o adjunto de la oración matriz y desempeñan a la vez la función de adjuntos del predicado de la subordinada. El antecedente de todos ellos puede ser explícito (...) aunque suelen actuar encabezando relativas libres (...)” (p. 508)

Importa, desde já, referir que existe um argumento importante a favor da classificação do *cuando* castelhano como advérbio relativo que não se aplica ao *quando* português: a possibilidade de esta expressão ocorrer adjacente a um antecedente exposto, em relativas restritivas. Compare-se a gramaticalidade da frase castelhana (3) com a agramaticalidade da frase portuguesa (4):

- (3) Este traje lo llevaba *el dia cuando* se casó. (Brucart 1999: 508)
 (4) *Este vestido, levava-o *no dia quando* se casou.

Quanto ao inglês, a expressão *when* tem um comportamento semelhante ao de *quando*, no que respeita à compatibilidade com um antecedente expreso (imediatamente adjacente):

- (5) Those were *the days when* everybody had flowers in the air.
 (Declerck 1997: 8)
 (6) *Esses eram *os dias quando* todos empunhavam flores.

Em estruturas do inglês como (5), a assunção de uma análise de *when* como pronome relativo parece natural. Declerck (1997) vai todavia mais longe e defende também – contra a tradição gramatical inglesa – uma análise de *when* como relativo, mesmo em frases em que não há antecedente expreso (como, por exemplo, *John entered when Mary left*):

“(...) **adverbial WCs [when-clauses] are also free relative clauses**, but then used in adverbial rather than nominal function. It will be shown that **the so-called conjunction when is in fact a free relative adverb**, i.e. a relative which contains its antecedent and fulfils an adverbial function in the clause it introduces.” (p. 21)

Este tipo de categorização – que é o que aqui defendo para o *quando* português – é também advogado em Brucart (1999) para as expressões correspondentes (sem antecedente expreso) do castelhano:

“El análisis de estas oraciones [oraciones con *cuando*] ha sido objeto de largo debate en la gramática del español, pues la mayoría de los autores defienden el carácter adverbial de las subordinadas encabezadas por *cuando* sin antecedente léxico (...). Sin embargo, el frecuente desempeño de funciones adverbiales por parte de los SSNN con valor temporal en español (...) permite **interpretar todas estas construcciones como relativas libres, sin necesidad de establecer entre ellas distinciones categoriales de ninguna especie.**” (p. 510)

Para concluir, refira-se o italiano, em que a forma *quando* – como a sua homógrafa portuguesa e ao contrário das congéneres castelhana e inglesa – não pode ocorrer adjacente a um antecedente expreso (em estruturas restritivas). Apesar desta incompatibilidade com antecedentes expressos, em algumas gramáticas do italiano, *quando* – e bem assim *come* – é classificado como pronome relativo. Mencionarei em particular a conhecida *Grande Grammatica Italiana di Consultatione*, organizada por Lorenzo Renzi (3.^a ed., 1991). Aí, no capítulo sobre orações relativas, da autoria de Guglielmo Cinque, assume-se (embora sem argumentação sintáctica) que *quando* e *come* são, nos usos relevantes, “pronomes relativos sem antecedente” (ou “pronomes relativos independentes”):

“(…) **come ha un uso relativo independente** parafrasabile con «nel modo in/con cui», es. *Io ho corso come hai corso tu = Io ho corso nel (lo stesso) modo in cui hai corso tu.*” (p. 494); “**Quando ha un uso relativo independente**, parafrasabile con «nel tempo/momento in cui»: es. *Piero é arrivato quando noi stavamo andandocene = Piero é arrivato nel momento in cui noi stavamo andandocene.*” (p. 467)

Feita esta breve resenha sobre as divergências de classificação na literatura, passo aos argumentos linguísticos que me parecem indicar nitidamente que o *como* e o *quando* relevantes do português devem ser classificados como pronomes (ou advérbios) relativos.

2. Para uma categorização das orações com *como* e *quando* como orações relativas

A categorização aqui defendida assenta no facto de os sintagmas encabeçados por *como* e *quando* possuírem propriedades que são distintivas e definitórias da classe das orações relativas (ou de as próprias formas *como* e *quando* possuírem características dos pronomes relativos). Essas propriedades são pelo menos cinco (note-se que as duas primeiras envolvem o contexto em que a oração se encaixa, a terceira envolve directamente o pronome e as duas últimas envolvem a estrutura interna da oração):

- i. ocorrência destes sintagmas em posição nominal argumental (como é característico das orações relativas sem antecedente expresso);
- ii. ocorrência destes sintagmas com um antecedente expresso (tanto em estruturas restritivas como em explicativas);
- iii. [aplicável apenas a *quando*] ocorrência de *quando* como morfema pró-SN;
- iv. possível ligação de *como* e *quando* a posições argumentais;
- v. possível ligação de *como* e *quando* a posições no interior de frases encaixadas (instanciando um movimento relativo longo).

Consideremos estas propriedades individualmente. A possibilidade de ocorrência de estruturas oracionais com *como* e *quando* em posição nominal (que até pode ser argumental) evidencia o desajustamento da aplicação do epíteto *adverbial* a estas estruturas. Em (7), as orações com *como* e *quando* ocorrem como complemento de preposições argumentais (cf. comportamento semelhante ao de outras relativas sem antecedente expresso, em (8)); em (9), ocorrem como argumentos não-preposicionados⁴:

⁴ A ocorrência de *como* e *quando* (tal como a do outro advérbio relativo do português, *onde*) à cabeça de orações em posição de sujeito ou de complemento directo parece ser relativamente mais condicionada, embora possível, como se pode ver pelos exemplos de (9):

- | | |
|--|---|
| (i) [?] Quando ele falou foi inoportuno. | [vs. <i>o momento em que ele falou foi inoportuno</i>] |
| (ii) [?] Como ele actuou foi deselegante. | [vs. <i>o modo como ele actuou foi deselegante</i>] |
| (iii) [?] Onde eu vivo tem muita vegetação. | [vs. <i>o sítio onde eu vivo tem muita vegetação</i>] |

Não tentarei explorar aqui as restrições distribucionais eventualmente actantes.

- (7) a. Este quadro data de [SN quando Picasso viveu em Barcelona].
(Móia 2000: 211)
b. Gosto de [SN como ela sorri]. (Móia 1992: 144)
- (8) a. Ele voltou para [SN onde estavam os seus amigos]. (Móia 1992: 130)
b. Ele falou com [SN quem estava na festa].
c. Ele concorda com [SN o que eu fiz].
- (9) a. [SN Quando vivi em Estugarda] foi o período da minha vida em que fui mais feliz. (Móia 2000: 210)
a'. [?]Adoro [SN quando estou de férias].
b. O modo como eu acho que se deve agir é [SN como ele agiu].
b'. Aprecio [SN como te vestes]. (Mateus *et al.* 1989: 297)

A distribuição em apreço é referida (com maior ou menor grau de pormenor) para as expressões congêneres do castelhano, do italiano e do inglês, nos autores acima mencionados. Para o português, já foi apresentada quer como argumento para a categorização sintáctica defendida neste texto (em Móia 1992) quer como argumento para a classificação semântica dos sintagmas com *quando* como “expressões denotadoras de intervalos” (em Móia 2000).

A possibilidade de ocorrência de estruturas oracionais com *como* e *quando* dentro de sintagmas nominais com núcleos lexicalmente realizados – o segundo argumento acima mencionado – mostra, de forma que penso ser incontroversa, que *como* e *quando* podem funcionar como pronomes “relativos” (com antecedente expreso). Quanto a *como*, a sua ocorrência com antecedentes expressos – quer em estruturas restritivas, como (10), quer em estruturas explicativas, como (11) – tem sido referida por diversos autores e parece relativamente pouco problemática:

- (10) Não gostei do **modo como** o Paulo agiu.
(11) O Paulo agiu **com cautela, como** a Ana lhe tinha pedido que agisse.⁵

No que respeita a *quando*, a sua ocorrência com antecedentes expressos em relativas restritivas, ilustrada em (12), ainda não foi – tanto quanto sei – referida na literatura:

- (12) a. Não me dá jeito o **dia para quando** a reunião foi marcada.
b. Qual é o **prazo até quando** se podem entregar as candidaturas?

Esta possibilidade parece estar restringida a contextos em que *quando* é precedido de uma preposição no constituinte relativo (*para quando, até quando, etc.*), isto é, àqueles em que *quando* funciona como pró-SN. De facto, como observado

⁵ Cf. o seguinte exemplo do castelhano, em Brucart (1999: 444): *lo cocinó con canela, como su madre le había enseñado a prepararlo* [cozinhou-o com canela, como a sua mãe a tinha ensinado a prepará-lo].

anteriormente, a adjacência absoluta entre *quando* restritivo e um antecedente expresso parece não ser gramatical em português⁶, ao contrário do que acontece com o *cuando* castelhano e o *when* inglês (cf. (4) e (6)). No que respeita à ocorrência de *quando* com o valor de um relativo explicativo, é referida, por exemplo, em Mateus *et al.* (1989) – cf. frase (13a). Brucart (1999) observa a mesma possibilidade para o *cuando* castelhano – cf. frase (13b) – e Declerck (1997) dá diversos exemplos para o *when* inglês.

- (13) a. Na terça-feira próxima, quando vieres, mostrar-te-ei os meus diapositivos. (Mateus *et al.* 1989: 298)
 b. Iremos de vacaciones en la primavera, cuando haya terminado este capítulo. (Brucart 1999: 444)
 c. Fomos de férias na Primavera, quando eu terminei a tese.

Quanto a esta questão, interessa salientar que algumas frases dadas como ilustração da possibilidade em causa – como, por exemplo, as de (13) – não são relativas explicativas (ou pelo menos possuem uma interpretação bastante natural em que não o são). Trata-se, na realidade, de uma das situações em que a distinção entre relativas explicativas e restritivas não é marcada (graficamente) através da presença ou ausência de vírgulas. Com efeito, numa interpretação natural das frases (13), não há identidade referencial entre o intervalo denotado pelo antecedente e o intervalo denotado pela expressão encabeçada por *quando* (ou *cuando*); a oração com *quando* permite antes definir um subintervalo do intervalo designado pelo antecedente (restringindo o tempo de localização da frase), não sendo, por isso, um mero aposto. Em (13c), por exemplo, o antecedente refere a Primavera e a oração com *quando* refere o momento da conclusão da tese, ocorrido num dado ponto daquela estação (ou, possivelmente, refere um período posterior – o seu estado conseqüente –, mas que também não tem de coincidir com a Primavera)⁷. Exemplos de genuínos pronomes explicativos – onde a coincidência dos intervalos relevantes se verifica – podem ser os que ocorrem nas estruturas que em Mória (2000) designo de *full-scanning*, como (15) (se assumirmos um contexto em que os 600 kms referidos são o cômputo relativo a todo o ano de 1995, como induzido, por exemplo, pelo contexto (14)):

- (14) Em 1995, foram construídos 600 kms de novas estradas;
 em 1996, apenas 300 e, em 1997, ainda menos.
 (15) Em 1995, *quando foram construídos 600 kms de novas estradas*,
 o país recebia muito dinheiro da União Europeia.

⁶ Neste aspecto, *quando* tem um comportamento semelhante a *quem* – cf. (28) adiante.

⁷ Cf. situação semelhante na frase *iremos de férias na Primavera, em Maio* (onde o sintagma *em Maio* também restringe o tempo de localização da frase).

Neste contexto, os dois intervalos relevantes são coincidentes e temos, portanto, uma verdadeira relativa explicativa, equivalente à estrutura nominal *ano em que foram construídos 600 kms de novas estradas*.

O terceiro argumento é aplicável apenas a *quando*. Trata-se da possibilidade de esta expressão ser um pró-SN, o que constitui um uso (penso que incontroverso também) de *quando* como **pronome** relativo. Note-se aliás que, neste aspecto, *quando* se comporta como *onde*, sendo estes os dois únicos morfemas relativos do português que têm um comportamento duplo, como pró-SPs (isto é, “advérbios” relativos) ou pró-SNs (isto é, verdadeiros “pronomes” relativos), como salientado em Mória (1992)⁸. A ocorrência de *quando* pró-SN em relativas com antecedente expresso está ilustrado em (12) acima, que aqui repito como (16):

- (16) a. Não me dá jeito o dia **para quando** a reunião foi marcada.
b. Qual é o prazo **até quando** se podem entregar as candidaturas?

A ocorrência de *quando* pró-SN em relativas sem antecedente expresso é bastante mais condicionada. Este facto relaciona-se com uma propriedade geral deste subtipo de orações relativas, nomeadamente a frequente impossibilidade ou marginalidade do uso de preposições no seu complementador (fenómeno descrito na literatura como requisito de “conformidade categorial” entre o antecedente nulo e o constituinte relativo, ou requisito de “adjacência absoluta” entre o antecedente nulo e o operador relativo – cf., por exemplo, Brito 1988 ou Mória 1992). Assim, a frase (17), com *quando*, parece marginal, se o antecedente não for realizado (à semelhança, aliás, do que acontece em frases com *onde* ou *quem*, por exemplo – cf. (18)):

- (17) Achei ^{??}(o dia) *para quando* o teste foi marcado inconveniente.
(18) a. Achei ^{??}(o sítio) *para onde* os livros foram levados desagradável.
b. Achei ^{??}(o rapaz) *com quem* a Ana estava a falar muito simpático.

Consideremos agora as estruturas que admitem pronomes relativos (sem antecedente expresso) preposicionados, que são pelo menos três (cf. Mória 1992): (i) estruturas com elipse (haplológica) de preposição no constituinte relativo, como as de (19); (ii) estruturas de foco marcado, como as de (20); (iii) estruturas relativas (infinitivas ou com conjuntivo) dependentes de verbos como *ter*, como as de (21). Sintomaticamente, nesses contextos, *quando* pró-SN também ocorre de forma plenamente legítima (com possível exceção do terceiro caso, ligeiramente marginal). Nas alíneas *a* dou exemplos com *quando*; nas alíneas *b* exemplos com *onde*, para ilustrar a semelhança de comportamento destas duas expressões (que a gramática

⁸ Não parece pois muito adequada a classificação de *onde* e *quando* (ou dos seus equivalentes em línguas como o castelhano) como meros “advérbios” relativos, na medida em que esta designação não reflecte o seu comportamento duplo.

tradicional inclui em categorias distintas); os parênteses rectos marcam as posições do constituinte relativo e do seu lugar de extracção:

- (19) a. Os trabalhadores afirmaram que permaneceriam em greve até [Ø_{até} quando]_i fosse preciso (permanecer em greve []_i).
 b. Os trabalhadores afirmaram que iriam até [Ø_{até} onde]_i fosse preciso (ir []_i).
- (20) a. 31 de Outubro é [até quando]_i se podem entregar as candidaturas []_i.
 b. Valença é [até onde]_i; o Paulo pensa ir de bicicleta []_i.
- (21) a. ?Não tenho [para quando]_i marcar a reunião []_i. A agenda está cheia.⁹
 b. Não tenho [para onde]_i ir []_i.

Em relação a este terceiro argumento, convém referir que Declerck (1997: 10-11) dá exemplos (de relativas apositivas) em que o *when* inglês se comporta como um pró-SN e diz ainda que nem todas as combinações de preposições com *when* são igualmente aceitáveis, situação que se verifica também com *quando*, no português (cf., por exemplo, *até quando* vs. ^{??}*depois de quando*).

Consideremos agora o quarto argumento, que parece absolutamente crucial e que não encontrei referido em nenhum dos textos consultados: a possibilidade de associação de *como* e *quando* a posições **argumentais** no interior da estrutura subordinada. Observem-se as frases (22), onde ocorrem predicados verbais que seleccionam argumentos internos com valor de Tempo (*registar-se*) ou de Modo (*portar-se*):

- (22) a. Eu estava em Lisboa [quando]_i os incidentes **se registaram** []_i.
 b. Não gostei de (o modo) [como]_i as crianças **se portaram** []_i.

Obviamente, a questão é que, se não se associar *quando* e *como* à posição argumental vazia (por movimento relativo), as propriedades de estrutura argumental do predicado relevante são violadas, predizendo-se incorrectamente a sua agramaticalidade. O mesmo argumento se aplica à frase (23) (já anteriormente observada), que se distingue apenas pelo facto de *quando* não formar a totalidade do constituinte relativo argumental, mas antes ocorrer nele encaixado (dado tratar-se de um pró-SN):

- (23) Não me dá jeito o dia [para quando]_i a reunião **foi marcada** []_i.

O quinto argumento consiste na possibilidade de associar *como* e *quando* a posições sintácticas no interior de frases completivas encaixadas na oração que estas unidades lexicais encabeçam (isto é, em termos técnicos, na possibilidade de elas exibirem “movimento relativo longo”).

⁹ A (ligeira) marginalidade parece manter-se em algumas estruturas com antecedente expresso – *?não tenho nenhum dia para quando marcar a reunião*.

(24) a. A piscina foi remodelada quando_i se esperava [que tivesse pouca procura []_i].

b. O Paulo chegou quando eu disse.

(25) a. O Paulo pediu as coisas como_i eu sugeri [que ele pedisse []_i].

b. O Paulo pediu as coisas como eu sugeri.

Nestas frases, *quando* e *como* estão associados a posições de adjunto adverbial de Tempo ou Modo em orações completivas encaixadas (colocadas entre parênteses rectos). Nos exemplos (24b) e (25b) essas posições não são visíveis, devido à elipse da oração encaixada, mas a interpretação requer que uma associação de tipo idêntico à das frases não-elípticas (24a) e (25a) seja reconstituída. Obviamente, uma análise de *quando* e *como* como meros subordinadores adverbiais (na linha da tradição gramatical portuguesa) não parece poder dar conta destas dependências de longa distância.

É interessante notar ainda que – trivial, mas muito sintomaticamente – as frases com *como* e *quando* podem ser estruturalmente ambíguas, em função do lugar de extracção desta unidade:

(26) a. A Ana saiu da sala quando o Paulo disse que era mais conveniente ela sair.

b. A Ana pediu as coisas como eu pedi.

A primeira destas frases é claramente ambígua: numa interpretação possível – correspondente a uma estrutura com movimento relativo curto – assere-se que o momento da saída da Ana coincide com o momento em que o Paulo falou; noutra – envolvendo movimento relativo longo –, assere-se que o momento da saída da Ana coincide com aquele em que, segundo o Paulo, ela deveria sair. A frase (26b) apresenta uma ambiguidade estrutural semelhante: ou assere que o enunciador e a Ana pediram as coisas do mesmo modo (movimento relativo curto) ou que há identidade entre o modo como a Ana pediu e o modo como o enunciador lhe pedira que o fizesse (movimento relativo longo). Convém salientar que o argumento em análise é referido explicitamente em relação ao *when* inglês por Declerck (1997: 48-49), que menciona tanto a possibilidade de movimento relativo longo como as eventuais ambiguidades estruturais daí resultantes, através do seguinte exemplo, semelhante a (26a):

(27) Jack did not keep silent when Bill told him to keep silent.¹⁰
(Declerck 1997: 49)

¹⁰ Quanto ao castelhano, Brucart (1999: 511, n. 112) refere que o *cuando* relativo não parece compatível com o movimento longo (distinguindo-se neste aspecto do *cuando* interrogativo, e do *donde* e *como* relativos); o autor baseia-se em Bosque (1989) e na impossibilidade de associar esta interpretação à sequência *cuando dijiste que te ibas* (mas não a *¿Cuándo dijiste que te ibas?*, a *donde dijiste que te ibas* ou a *como dijiste que habia que hacerlo*). Todavia, de acordo com falantes nativos consultados, a frase *Ana salió de la sala cuando Paulo dijo que debería salir* apresenta uma ambiguidade semelhante à sua correspondente portuguesa, (26a).

Considero os cinco argumentos aqui apresentados fundamentais para a hipótese de categorização de *como* e *quando* como pronomes (ou advérbios) relativos, na medida em que envolvem propriedades **distintivas** dessas expressões. Além destes, outros factos – possivelmente menos cruciais – favorecem também esta categorização. Entre eles, saliento um dos mais comumente referidos: a existência de homónimos de *como* e *quando* entre os pronomes e advérbios interrogativos (cf. a citação de Lopes 1972, na secção 1.1). Com efeito, os paralelos observáveis no Quadro 2 abaixo mostram que as duas classes – pronomes (ou advérbios) relativos e pronomes (ou advérbios) interrogativos – apresentam frequentemente elementos homónimos¹¹:

Quadro 2. Homonímia entre pronomes (ou advérbios) relativos e pronomes (ou advérbios) interrogativos

	relativas (sem antecedente expreso)	interrogativas (indirectas)
<i>quem</i>	Saudei quem entrou.	Não sei quem entrou.
<i>o que</i>	Li o que a Ana escreveu. ¹²	Não sei o que a Ana escreveu.
<i>onde</i> (pró-SP)	Moro onde a Ana mora.	Não sei onde a Ana mora.
<i>onde</i> (pró-SN)	Não tenho para onde ir.	Não sei para onde ir.
<i>quando</i> (pró-SP)	Saí quando a Ana entrou.	Não sei quando a Ana entrou.
<i>quando</i> (pró-SN)	Não me dá jeito o dia para quando a reunião foi marcada.	Não sei para quando a reunião foi marcada.
<i>como</i>	Agi como a Ana agiu.	Não sei como a Ana agiu.

Antes de concluir, convém referir que, obviamente, a categorização aqui defendida não exclui que *como* e *quando* possam apresentar propriedades (sintáctico-semânticas) específicas que os distingam dos outros – ou de alguns dos outros – pronomes relativos. O que importa acentuar é que a existência de tais especificidades (por vezes salientadas na literatura) não parece constituir um argumento contra a categorização em causa. Na realidade, ela é consentânea com a conhecida heterogeneidade de comportamentos sintácticos na classe (tradicional) dos pronomes

¹¹ A correspondência entre estas duas subclasses não é todavia perfeita (considerando as expressões existentes no português contemporâneo); cf., por exemplo, o pronome interrogativo *qual* (sem correspondente relativo idêntico) e o pronome relativo *cujo* (sem contrapartida interrogativa).

¹² Sobre a hipótese de *o que* ser um pronome relativo, facto que também não é geralmente considerado na tradição gramatical portuguesa, cf. Mória (1992: 10-15).

relativos (cf. as propriedades distribucionais bastante díspares de *que*, *quem*, *quanto* e *cujo*, por exemplo). Neste campo, o trabalho que importa realizar – mas que se encontra fora do escopo da presente apresentação – é definir, no quadro geral da classe dos pronomes relativos, as especificidades dos diferentes operadores (*como* e *quando* incluídos). Entre elas, refram-se, por exemplo, as respeitantes à (im)possibilidade de adjacência a um antecedente expresso – cf. (28) – ou à (im)possibilidade de elipse de copulativos (cf. Bosque 1989, Brucart 1999: 511):

- (28) a. *o dia quando / o dia para quando
 b. o modo como
 c. o lugar onde / o lugar para onde
 d. *a pessoa quem / a pessoa para quem
 e. *a coisa o que / *a coisa para o que

Em suma, penso ter demonstrado neste texto que a inclusão na gramática de uma categoria que reúna *quando* e *como* e os pronomes relativos tradicionalmente considerados é linguisticamente pertinente.

Referências

- Barbosa, Jeronymo Soares: 1822, *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Aplicados à Nossa Lingua*, Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 7.^a edição, 1881.
- Bechara, Evanildo: 1999, *Moderna Gramática Portuguesa*, 37.^a edição revista e ampliada, Editora Lucerna, Rio de Janeiro.
- Bosque, Ignacio: 1989, *Las Categorías Gramaticales*, Madrid, Síntesis.
- Brito, Ana Maria: 1988, *A Sintaxe das Orações Relativas em Português. Estruturas, Mecanismos Interpretativos e Condições sobre a Distribuição dos Morfemas Relativos*, dissertação de doutoramento, Universidade do Porto.
- Brucart, José M.^a: 1999, “La Estructura del Sintagma Nominal: Las Oraciones de Relativo”, in Ignacio Bosque e Violeta Demonte (dir.), *Gramatica Descriptiva de la Lengua Española*, 1999, Espasa, pp. 395-522.
- Cinque, Guglielmo: 1991, “La Frase Relativa”, in Lorenzo Renzi (org.), *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*, 3.^a ed., 1991, pp. 443-503.
- Cunha, Celso e Luís Filipe Lindley Cintra: 1984, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Edições João Sá da Costa, Lisboa.
- Declerck, Renaat: 1997, *When-clauses and Temporal Structure*, Routledge Studies in Germanic Linguistics, Routledge, Londres / Nova Iorque.
- Lopes, Óscar: 1972, *Gramática Simbólica do Português*, Instituto Gulbenkian de Ciência, 2.^a ed. revista.
- Mateus, Maria Helena Mira, Ana Maria Brito, Inês Duarte e Isabel Faria: 1989, *Gramática da Língua Portuguesa*, 2.^a edição revista e aumentada, Editorial Caminho, Lisboa.
- Móia, Telmo: 1992, *A Sintaxe das Orações Relativas sem Antecedente Expresso do Português*, dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Móia, Telmo: 2000, *Identifying and Computing Temporal Locating Adverbials with a Particular Focus on Portuguese and English*, dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.

Peres, João Andrade e Telmo Móia: 1995, *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Editorial Caminho, Lisboa.

Silva Dias, A. Epiphânio: 1876, *Grammatica Portugueza Elementar*, A. Ferreira Machado e C.^a Editores, Lisboa, 9.^a edição revista, 1894.